

Roda de Conversa: conexões e experiências do GEARTE no âmbito da Abordagem Triangular

Gilvânia Maurício Dias de Pontes 

(Universidade Federal do Rio Grande do Norte — UFRN, Natal/RN, Brasil)

Maria Isabel Petry Kehrwald 

(Fundação Municipal de Artes de Montenegro — FUNDARTE, Montenegro/RS, Brasil)

Rejane Reckziegel Ledur 

(Secretaria Municipal de Educação — SMED, Canoas/RS, Brasil)

Rita Inês Petrykowski Peixe 

(Instituto Federal de Santa Catarina — IFSC, Itajaí/SC, Brasil)

RESUMO — Roda de Conversa: conexões e experiências do GEARTE no âmbito da Abordagem Triangular — O Grupo de Pesquisa em Educação e Arte (GEARTE) é um grupo interinstitucional que investiga as relações entre educação e arte, dialogando com as áreas da cultura visual, semiótica discursiva, estética, história, teoria e crítica da arte. Pesquisadoras do GEARTE participaram do evento Mão na Massa: Experiências [Re] significativas 2021 e II Congresso Internacional Online entre Arte, Cultura e Educação, com a proposição de uma Roda de Conversa, permeada por diferentes “sotaques” brasileiros, tendo como fio condutor os desdobramentos da Abordagem Triangular nas pesquisas e experiências de algumas integrantes do grupo, tanto no âmbito da formação continuada de professores quanto no ensino da Arte nas escolas, abrangendo experiências da Educação Infantil ao Ensino Médio, Técnico e Tecnológico. O objetivo da experiência proposta foi o de desenvolver diálogos entre pesquisadoras do GEARTE e o público participante, com o propósito de contextualizar, estabelecer conexões e suscitar desdobramentos entre suas experiências, por meio da Abordagem Triangular, presente nas pesquisas e práticas do grupo.

PALAVRAS-CHAVE

Práticas Docentes. Abordagem Triangular. Pesquisas. GEARTE.

ABSTRACT — Conversation Circle: connections and GEARTE experiences within the scope of the Triangular Approach — The Research Group on Education and Art (GEARTE) is an inter-institutional group that investigates the relationship between education and art, dialoguing with the areas of visual culture, semiotics discourse, aesthetics, history, theory and art criticism. GEARTE researchers participated in the event Mão na Massa: [Re]significant Experiences 2021 and II International Online Congress between Art, Culture and Education, with the proposition of a Conversation Circle, permeated by different Brazilian “accents”, having as a guide the ramifications of the Triangular Approach in the research and experiences of some members of the group, both in the context of the continuing education of teachers and in the Art Education in schools, covering experiences from Early Childhood Education to High School, Technical and Technological Education. The objective of the proposed experience was to develop dialogues between GEARTE researchers and the participating public, with the purpose of contextualizing, establishing connections and raising developments between their experiences, through the Triangular Approach, present in the research and practices of the group.

KEYWORDS

Teaching Practices. Triangular Approach. Researches. GEARTE.

RESUMEN — Círculo de Conversación: conexiones y experiencias del GEARTE en el ámbito del Abordaje Triangular — El Grupo de Investigación en Educación y Arte (GEARTE) es un grupo interinstitucional que investiga la relación entre educación y arte, dialogando con las áreas de cultura visual, discurso semiótico, estética, historia, teoría y crítica de arte. Investigadoras del GEARTE participaron del evento Mão na Massa: Experiências [Re]significativas 2021 y II Congresso Internacional em Linha entre Arte, Cultura y Educación, con la propuesta de un Círculo de Conversación, permeado por diferentes “acentos” brasileños, teniendo como guía los desarrollos del Abordaje Triangular en las investigaciones y experiencias de algunos integrantes del grupo, tanto en el ámbito de la formación permanente de docentes como en la Educación Artística en las escuelas, abarcando experiencias desde la Educación Infantil hasta la Educación Secundaria, Técnica y Tecnológica. La experiencia propuesta tuvo como objetivo desarrollar diálogos entre los investigadores de GEARTE y el público participante, con el propósito de contextualizar, establecer conexiones y plantear desarrollos entre sus experiencias, a través del Abordaje Triangular, presente en las investigaciones y prácticas del grupo.

PALABRAS-CLAVE

Prácticas docentes. Abordaje Triangular. Investigaciones. GEARTE.

Introdução

Transcorridos trinta anos em que o ensino da Arte no Brasil passou a ter outro enfoque, tendo como grande escopo a Abordagem Triangular, proposta por Ana Mae Barbosa, buscamos reunir algumas integrantes do Grupo de Pesquisa GEARTE, a fim de desenvolver diálogos contextualizados, estabelecer conexões e suscitar desdobramentos entre suas experiências ancoradas na Abordagem Triangular, sendo esse um dos eixos das pesquisas e práticas do grupo. Em meio a olhares atentos e reflexões importantes, veiculadas em publicações e eventos alusivos a essa trajetória, elaboramos o presente artigo, que é o resultado de algumas dessas interlocuções reflexivas, a partir dos relatos apresentados no evento Mão na Massa: Experiências [re]significativas, por ocasião do II Congresso Internacional Online entre Arte, Cultura e Educação: Reconexões da Abordagem Triangular no ensino das Artes¹.

Permeada por circunstâncias dialógicas e inclusivas, a ideia de uma Roda de Conversas foi a modalidade escolhida pelas representantes do GEARTE, para [re]significar suas experiências no contexto da Abordagem Triangular, como propunha o evento. Para iniciar a conversa que pretendemos desenvolver nesta roda, na qual partilhamos as nossas experiências e para a qual estendemos o convite ao nosso leitor, de modo que acompanhe esse percurso, ensejamos propor

um espaço de interação onde todos sejamos protagonistas e no qual a intercomunicação possa tangenciar as nossas ações em elaborações coletivas. Uma roda de conversas, segundo Paulo Freire (1983) refere-se a um mecanismo de construção dialógica, um momento de escuta e compartilhamento, em que todos se predispõem ao intercâmbio, permeado pelos sentidos. É, portanto, uma prática dialética, na qual se enseja uma abertura a si e ao outro. Diante disso, é possível compreender que,

Não é dizer-se descomprometidamente dialógico; é vivenciar o diálogo. Ser dialógico é não invadir, é não manipular, é não organizar. Ser dialógico é empenhar-se na transformação constante da realidade. (FREIRE, 1983, p. 43)

Para esse autor, tais relações se estabelecem nos Círculos de Cultura, tendo como elemento fundamental a construção coletiva de um espaço para o diálogo, no qual o mundo é narrado, por meio da sua leitura, compreensão e transformação. É, portanto, nos contextos dialógicos que os processos educativos de ensinar e aprender se instauram coletivamente, nos quais “o pensar do educador somente ganha autenticidade, na autenticidade do pensar dos educandos, mediatizados ambos pela realidade, portanto na intercomunicação” (FREIRE, 1983, p. 64).

Tendo sido aluna de Paulo Freire, Ana Mae Barbosa reitera, nos seus estudos e reflexões, o quanto a Abordagem Triangular foi afetada (não apenas no sentido de receber influência, mas, sobretudo, no que diz respeito à questão dos afetos), aportando inúmeras interfaces com as teorias freireanas. Nesse sentido, é importante aqui, situar conceitualmente a Abordagem Triangular no contexto da arte educação brasileira e, mais especificamente, seu envolvimento junto ao Grupo de Pesquisa em Educação e Arte - GEARTE/UFRGS.

A Abordagem Triangular foi apresentada no livro *A imagem no ensino da arte* (1991), revista conceitualmente no livro *Tópicos e Utópicos* (1998) e consolidada como uma abordagem em processo no livro *A Abordagem Triangular*

no *Ensino das Artes e Culturas Visuais* (2010). Ana Mae Barbosa conceitua a derivação da proposta a partir de uma dupla triangulação:

A primeira é de natureza epistemológica ao designar os componentes do ensino/aprendizagem por três ações mentalmente e sensorialmente básicas, quais sejam: criação (fazer artístico), leitura da obra de arte e contextualização. A segunda triangulação está na gênese da própria sistematização, originada em uma tríplice influência, na deglutição de três outras abordagens epistemológicas: as Escuelas al Aire Libre mexicanas, o Critical Studies inglês e o Movimento de apreciação estética aliado ao DBAE (Discipline Based Art Education) americano. (BARBOSA, 1998, p. 33-34)

O GEARTE, ao longo da sua trajetória, vem sendo ancorado e propondo como um dos seus elementos instauradores a Abordagem Triangular, importante referencial na fundamentação de inúmeras pesquisas dos seus integrantes. Trata-se de um grupo interinstitucional que investiga as relações entre educação e arte, dialogando com as áreas da cultura visual, semiótica discursiva, estética, história, teoria e crítica da arte. O grupo possui cinco linhas de atuação: pesquisa; ensino; publicação; assessoria; estudos específicos. Discute seus trabalhos com a comunidade acadêmica nacional e internacional. Há três grandes focos nas pesquisas: educação e artes visuais; educação: arte linguagem tecnologia; estudos em arte: mídia, discurso e formação. É integrado por docentes e estudantes vinculados à linha de pesquisa Educação: Arte Linguagem e Currículo, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e pesquisadores de diferentes instituições, sob a coordenação da Profa. Dra. Analice Dutra Pillar.

Com 25 anos de existência, o grupo vem desenvolvendo pesquisas que envolvem as relações entre educação e arte, ampliando as perspectivas educacionais da arte em diferentes contextos. Desde a sua criação, Ana Mae Barbosa participa ativamente do GEARTE, propondo artigos, dialogando com seus membros e ainda se envolvendo com os eventos e pesquisas concebidas por integrantes do grupo. Esta é a grande motivação que nos mobilizou a reunir nesse ensaio, não apenas o relato das experiências e pontos de contato entre as pesquisadoras e a Abordagem Triangular. Ele é, sobretudo, uma escusa para

evidenciar a implicação entre a intelectual reconhecida mundialmente e pesquisadora Ana Mae Barbosa com as nossas vidas de investigadoras, sendo impossível dissociar essa grande figura, da Abordagem Triangular enquanto proposta que abriu espaço para o desenvolvimento de novos paradigmas no ensino da Arte.

Puxando o fio das experiências para tecer importantes aspectos da Abordagem Triangular

Inicialmente quero me apresentar: sou Isabel Petry Kehrwald, vivo em Montenegro, cidade próxima a Porto Alegre, Estado do Rio Grande do Sul. Minha formação é em Artes Plásticas, com Mestrado e Doutorado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul — UFRGS. Ao ingressar nessa instituição como orientanda da Profa. Dra. Analice Dutra Pillar, dei início à minha participação no GEARTE — Grupo de Pesquisa em Educação e Arte. Como professora e diretora da Fundação Municipal de Artes de Montenegro — FUNDARTE, atuei na formação de um número significativo de professores na área de Artes Visuais.

A Abordagem Triangular, tema da nossa conversa, ficou conhecida no Rio Grande do Sul por meio da presença ativa da Profa. Dra. Ana Mae Barbosa em vários eventos da área, no ano de 1989 e início da década de 90, em especial pela orientação da pesquisa desenvolvida em escolas da grande Porto Alegre, como atividade do Projeto Arte na Escola/Fundação Iochpe². Esta pesquisa foi coordenada por Analice Pillar e Denyse Vieira, ambas professoras da Faculdade de Educação da UFRGS e relatada no livro *O Vídeo e a Metodologia Triangular no Ensino da Arte*, editado em 1992. No entanto, antes da edição deste livro, no ano de 1991, Ana Mae lançou uma importante publicação, *A imagem no ensino da arte: anos 80 e novos tempos*, em que expõe as premissas da Abordagem Triangular e aponta caminhos para trabalhar com seus três eixos: fazer artístico, leitura de imagem e história da arte/contextualização.

Puxando o fio das minhas experiências, me remeto a situações que ocorreram quando eu coordenava as atividades da Escolinha de Arte da FUNDARTE e, fascinada pelas ideias de Ana Mae, que ouvira durante o ano de 1989, propus a execução de projetos focados nos três eixos da Abordagem. Notamos grande interesse das crianças, pais e professores e projetos na área da Dança e Teatro também foram realizados seguindo nossas propostas. A partir daí, disseminamos a Abordagem Triangular para as escolas da região e relatamos nossos projetos em eventos da área. Antes de iniciar esse processo, desenvolvemos muitos estudos e nossa fundamentação teórica e conceitual esteve apoiada nos conhecimentos propostos e fomentados por Ana Mae Barbosa.

Em todo material que garimpamos acerca das suas pesquisas, bem como nos encontros que tivemos, em que mergulhamos com avidez nas suas palavras, percebemos, cada vez mais, a necessidade desse alimento visual. Conosco, estavam também outros autores importantes como Analice Dutra Pillar, que apontava a importância da educação do olhar; Elliot Eisner, que destacava a relevância de conhecer arte junto com o fazer artístico e Robert Saunders, na sua defesa de que era necessário manusear, ver e tocar obras de arte.

Cito apenas esses, mas muitos outros se somaram às reflexões que imprimiram a direção do nosso trabalho. Posteriormente, Fernando Hernández (2000) nos ajudou a pensar sobre o tema em seu livro *Cultura visual, mudança educativa e projetos de trabalho*. Hoje, em uma busca online, é possível acessar livros, pesquisas, teses e inúmeros projetos pedagógicos sobre o assunto que podem subsidiar ações docentes qualificadas.

Na concepção dos projetos elaborados, sempre tivemos presente a importância do fazer por meio do processo criativo e seus fatores de fluência, flexibilidade, originalidade e, sobretudo, o fator da reelaboração, habilidade de reconstruir, refazer, recompor, que é a base para pensar a releitura como uma nova elaboração, uma outra proposta criativa e não uma cópia. Com a leitura de

imagens, amplamente propalada em publicações e pauta de muitos questionamentos, endossamos o objetivo de aproximar os estudantes ao universo da arte, ao patrimônio artístico da humanidade - que nos pertence, e às imagens do cotidiano, sejam elas quais forem.

No sentido de apreender, apreciar e ler criticamente um texto imagético, derivou o que passou a se chamar releitura, entendida como um trabalho prático assentado na obra de algum artista. Vimos então surgir, principalmente, muitos Van Gogh e Tarsila do Amaral, em um viés que fugiu do propósito inicial da releitura, que se propunha a ser um elo de aproximação do ensino da arte com as imagens. Por se tornar um trabalho repetitivo e sem estímulo ao processo criativo, desvirtuou-se do seu objetivo. Queríamos muito que a arte fosse um conhecimento desejante na vida das crianças, dos jovens e das pessoas em geral, e a Abordagem Triangular provocou este desejo, instaurou um novo olhar e imprimiu uma maior importância ao ensino e produção da arte, como também à estética do cotidiano.

É possível assegurar que a Abordagem Triangular, no Rio Grande do Sul, teve potencial de transformação do ensino da Arte e ocupou um lugar de relevância no currículo escolar, evidenciado pelos inúmeros projetos realizados, reconhecidos e premiados nacionalmente. Hoje, receio que há um espaço menor, muitas vezes inexistente para projetos com a Abordagem Triangular nos contextos educativos. Os livros didáticos propostos aos alunos em boa parte das escolas, talvez tenham engessado as experiências criativas mais amplas que contemplem a interlocução e a interdisciplinaridade entre várias áreas de conhecimento, nos quais a arte poderia ser o fio condutor.

É cada vez mais urgente criar condições para que as experiências artísticas e estéticas ocorram no âmbito escolar de modo sistemático e dentro da grade curricular, para que se efetive a alfabetização e o letramento pleno. As imagens nos capturam, nos afetam, nos atravessam, nos fisgam, nos encantam... e nos ferem e agriem cotidianamente. Com elas, aprendemos, sofremos, nos

emocionamos, nos alegramos e construímos conhecimentos. É, portanto, imprescindível a leitura dos textos imagéticos de origens diversas para tentar interpretar, compreender e se posicionar frente a tudo que nos cerca. A leitura, a fruição da arte, transbordam para outras áreas e favorecem a leitura do mundo, como diria Paulo Freire, possibilitando a cosmovisão.

Roland Barthes nos alerta que tudo é texto, tudo é trama e o prazer da leitura dessa trama, seja impressa, tela da TV, tela do computador, do celular, uma cena, paisagem, palavras, objetos, artesanias, fazeres populares ou arte legitimada é um prazer tanto lúdico quanto intelectual. E o jogo da leitura, destaca Barthes (1988) no seu livro “O rumor da língua”, não pode ser entendido como uma distração, mas sim como um trabalho, pois ler é fazer todo nosso corpo trabalhar.

Esta é uma reflexão que se relaciona especialmente com o universo educativo e oferece argumentos que reforçam a importância dos eixos e dos conceitos presentes na Abordagem Triangular. Encerro, registrando minha profunda admiração por Ana Mae e sua persistente e vigorosa luta pela arte/educação no Brasil e desejo que se amplie cada vez mais o seu legado e reconhecimento. Celebremos sempre e de todas as formas, essa incansável educadora em sua trajetória exemplar. SALVE ANA MAE BARBOSA!

Do Norte ao Sul: encontros fluidos e travessias significativas entre os rios que abarcam a Abordagem Triangular

Eu sou Gilvânia Maurício Dias de Pontes, fui professora da UFRN durante 26 anos, vinculada ao Centro de Educação, atuando no Núcleo de Educação da Infância — NEI/CAp/UFRN. Embora aposentada, continuo mantendo vínculo com a instituição, como professora colaboradora, por meio da coordenação do Grupo de Pesquisa Arte e Infância e da participação em projetos de extensão voltados à formação de professores da infância para o ensino das Artes. Ao dizer do presente retorno à constituição desse lugar de professora e formadora de professores da infância, com o foco nas artes visuais, resalto dois encontros fundamentais, sendo

o primeiro com a Abordagem Triangular e o segundo com o GEARTE — Grupo de Pesquisa em Educação e Arte da UFRGS. Em texto escrito para a comemoração dos 20 anos do referido grupo de pesquisa, usei como metáfora o rio. Nele, digo que o GEARTE é rio de águas líquidas e gasosas, porque assim o sinto na minha formação. Ingressei no GEARTE em 2009 para fazer o Doutorado sob orientação da professora Dra. Analice Dutra Pillar, com o propósito de desenvolver pesquisa acerca da dimensão estética na Educação Infantil. Remeto-me a essa experiência como “ir ao encontro de outro Rio” Grande, o rio que é do Sul. Para entender o porquê da travessia, é preciso tratar dos antecedentes que possibilitaram a chegada e o traçado do caminho de rios, em sua forma líquida e perceptível e, em forma gasosa, que chega até nós antes de o conhecermos como tal. Assim se presentifica o GEARTE na minha formação, e sua presença foi sempre marcada pela Abordagem Triangular.

Conheci a Abordagem Triangular no princípio da minha caminhada profissional, início dos anos de 1990. Antes de trabalhar na UFRN, fazia parte da equipe da Secretaria de Educação do RN que atuava na formação dos professores da Educação Infantil. Nessa experiência, tive acesso aos textos da Escola da Vila (SP), entre eles, textos que tratavam do trabalho com as linguagens artísticas, que já anunciavam a necessidade do olhar intencional para a Arte como uma área de conhecimento na educação de crianças. Indiretamente, os textos mencionavam as dimensões de acesso à arte que compõem a Abordagem Triangular: leitura, contextualização e fazer. Esses textos ganharam sentidos mais evidentes quando, já na UFRN, passei a fazer parte da equipe da pesquisa sobre Arte na Educação Infantil, no ano de 1995, coordenada pela professora Dra. Vera Rocha. Tal pesquisa objetivava a ressignificação do trabalho com Artes no NEI/CAP/UFRN e a construção de uma proposta para o ensino das artes nesta unidade de educação das infâncias. A Abordagem Triangular era referência fundante do trabalho investigativo e da formação que foi desencadeada pela pesquisa, trazendo para mim o desafio de contextualizá-la na construção de práticas pedagógicas com crianças pequenas. Nesse período, como minha formação inicial é Pedagogia, me

vi desafiada a construir caminhos para o encontro com autores que tratassem do ensino da Arte e, com esse intento, busquei todas as oportunidades de formação disponíveis em Natal/RN. Além da atuação na equipe da pesquisa, passei a participar dos encontros do Polo RN do Projeto Arte na Escola/Fundação Iochpe. Assim, tive acesso aos textos de Analice Pillar e outros autores, entre eles o artigo *Leitura e Releitura* (2001) e o livro *O vídeo e a Metodologia Triangular no Ensino de Arte* (1992). Começava aí o desejo de conhecer o GEARTE.

Sigo a trajetória construindo minha própria pesquisa de Mestrado, na qual buscava os significados, enunciados pelos professores, para a presença da Arte no NEI/CAP/UFRN. Na leitura dos documentos, entre eles os relatos de minha própria prática, encontro a Abordagem Triangular vestida de infância e, por vezes, tendo que ser adequada às demandas do trabalho com crianças pequenas. No texto construído como relatório da pesquisa, o sujeito que lê, contextualiza e faz é um sujeito criança, com suas especificidades e jeito próprio de interagir com o seu entorno. A apresentação de imagens da arte, a construção de caminhos pedagógicos pelos professores para que as crianças pudessem ter acesso a elas, tendo suas formas de expressão respeitadas, era e é um desafio cotidiano para professores de crianças. A pesquisa sobre a Presença da Arte na Educação Infantil, tendo como lócus o NEI/CAP/UFRN foi finalizada no início dos anos 2000 e, em seguida, assumi disciplinas no curso de Pedagogia da UFRN. Nessas disciplinas, que estavam voltadas para a formação de professores para Educação Infantil, inseri os ateliês para o trabalho com as linguagens artísticas. Em uma delas, fundamentei o trabalho com o livro *Ler e Escrever: compromisso de todas as áreas* (1999), em especial com o capítulo *Ler e escrever nas Artes Visuais*, escrito por Maria Isabel Petry Kehrwald, membro do GEARTE.

Em 2003, por reconhecimento das minhas pesquisas sobre ensino de Arte na infância, recebi o convite para participar da equipe do Paidéia, que foi um dos Centros de Referência para formação de professores em Arte e Educação Física, constituídos pelo Ministério da Educação. No Brasil, duas universidades públicas

tiveram suas propostas avaliadas e aprovadas pelo MEC: a UFRN e a UFRGS. Não tinha como não perceber o encontro com o Rio do Sul mediado pelo trabalho de formação de professores para o ensino da Arte, e mais especificamente os ecos do GEARTE, que se formalizaram na pessoa da professora Umbelina Barreto, membro do centro de referência da UFRGS e do GEARTE.

Quanto à construção do material didático do Paideia, tomamos a Abordagem Triangular como referência para o ensino de Arte e de Educação Física. O trabalho de formação de professores neste centro me permitiu viajar por muitos estados brasileiros, divulgando o ensino de arte na infância, tendo como referência imprescindível a Abordagem Triangular. Em uma dessas incursões fui convidada para apresentar a proposta de formação do Paideia em Recife/PE em um Seminário sobre Arte/Educação e Inclusão promovido pelo SESC/PE. Neste seminário conheci pessoalmente a Profa. Dra. Analice Pillar, que se tornaria minha orientadora de Doutorado dois anos depois.

Em 2009 fiz a seleção para o Doutorado na UFRGS e finalmente cruzei o país para ser acolhida pelo GEARTE. Durante o período de Doutorado desenvolvi uma pesquisa sobre a dimensão estética da Educação Infantil, observando como essa dimensão se tornava presente na escrita dos professores, em seus memoriais de formação. De natureza variada foram os afetos e encontros desse período, uma vez que o convívio com outros pesquisadores do GEARTE marcou definitivamente a minha formação. Terminado o Doutorado, no início de 2013 volto para o RN e continuo a minha trajetória como professora de crianças, também atuante na formação de professores. Foram oportunidades de conviver e contextualizar a Abordagem Triangular em diferentes experiências. Nesse intento, organizei em 2017, como atividade de extensão, o curso de Artes na Educação Infantil destinado à formação de professores para o trabalho com artes visuais na infância. O curso ocorreu, ao mesmo tempo em que um grupo de estudos e pesquisa se constituía com os professores ministrantes dos módulos do curso. Esse grupo continuou suas atividades de pesquisa e extensão nos anos seguintes, se transformando no Grupo

de Pesquisa Arte e Infância. Em 2018 eu voltei à UFRGS para realizar o estágio pós-doutoral sob a supervisão da Profa. Dra. Analice Pillar, realizando estudos sobre a mediação docente para o trabalho com artes visuais na infância. A história continua nos anos seguintes com a minha volta à UFRN, participando de atividades de ensino, pesquisa e extensão.

A Abordagem Triangular na formação inicial e continuada de professores de Arte no Rio Grande do Sul

Sou Rejane Reckziegel Ledur, professora de Artes Visuais já aposentada. Atuei por mais de 32 anos na Rede Municipal de Ensino de Canoas/RS, sendo que a maior parte desse tempo em atividade técnico pedagógica na Secretaria de Educação, mais especificamente com formação continuada de professores na área da Arte. Passei a integrar o GEARTE em 2008, ao ingressar no Doutorado em Educação na UFRGS, sob orientação da professora Dra. Analice Dutra Pillar. Nesse relato, resgato a minha relação com a Abordagem Triangular que esteve presente na minha formação de graduação, no início da década de 90, e que influenciou o direcionamento da minha atuação profissional, assim como fundamentou as minhas pesquisas de mestrado e doutorado no campo da arte e da educação.

Conheci a Abordagem Triangular na disciplina de Estágio Curricular do Curso de Licenciatura em Educação Artística - Habilitação em Artes Plásticas, na UFRGS, no ano de 1990. Fui orientanda da professora Denyse Alcalde Vieira que, na época, coordenava a pesquisa inicial do Projeto Arte na Escola junto com a professora Analice Dutra Pillar. Ao resgatar essa memória, dado o contexto, observo que a minha turma de estágio foi uma das primeiras a ter conhecimento dessa proposta metodológica para o ensino da Arte na sua formação inicial no curso de Licenciatura em Arte no Rio Grande do Sul.

No estágio curricular do Ensino Fundamental, eu já entrei em sala de aula trazendo a Abordagem Triangular como fundamentação teórica para a prática de

ensino. Foi a minha primeira iniciativa de trazer a reprodução de uma obra de arte, de fazer questionamentos sobre a imagem com os estudantes e de propor um trabalho prático a partir daquela imagem. Nesse período do estágio, também fomos convidados pela professora Denyse a participar das ações do Projeto Arte na Escola, como uma possibilidade de complementação da formação docente. Ao aceitar o convite, passei a integrar o Grupo de Reflexão que se originou da pesquisa inicial e que continuou a discutir as questões da arte e do ensino da Arte a partir dos desdobramentos da proposta metodológica e conceitual da pesquisa em Porto Alegre.

Inicialmente nomeada como Metodologia Triangular e apresentada por Ana Mae Barbosa no livro *A imagem no ensino da arte* (1991), a Abordagem Triangular era algo novo que se apresentava no ensino da Arte no Rio Grande do Sul, assim como todo o referencial teórico nacional e internacional que passamos a ter acesso a partir das assessorias à pesquisa e em eventos patrocinados pelo Projeto Arte na Escola, dentre os quais destaco autores como Brent Wilson, Elliot Eisner, Heloísa Ferraz e Mariazinha Fusari e Ralph Smith. Ressalto que essa experiência ampliou minha compreensão da importância de estar vinculada a coletivos de professores e de participar de encontros, seminários e congressos, começando assim a trilhar meu próprio percurso de formação continuada dentro da área de atuação. Destaco desse período a minha participação no IV Congresso Nacional da FAEB - Federação de Arte Educadores do Brasil, que aconteceu em Porto Alegre de 19 a 23 de agosto de 1991, evento que contou com a presença da Ana Mae Barbosa, assim como de importantes referências do ensino da arte e que me vinculou efetiva e afetivamente à FAEB.

Como professora concursada da Rede Municipal de Canoas e integrando o Projeto Arte na Escola no Polo UFRGS, sou convidada no ano 1993 a implantar o projeto na Secretaria de Educação de Canoas, direcionando assim minha atuação profissional para o campo da formação continuada de professores. Durante mais de 15 anos, de 1994 a 2010, coordenei um Polo Municipal do Projeto Arte na

Escola que se constituiu como espaço institucionalizado de formação continuada na área de Arte na rede de ensino, fundamentado conceitualmente nos pressupostos da Abordagem Triangular.

Essa experiência foi muito frutífera na qualificação do ensino da Arte na rede municipal que, no decorrer desse percurso formativo, teve trabalhos de professores reconhecidos nacionalmente pela sua excelência, assim como suscitou problematizações que direcionaram as minhas pesquisas de Mestrado e Doutorado realizadas na UFRGS, nos anos de 2005 a 2013, voltadas à compreensão da produção de sentidos dos professores de Arte e dos estudantes dos anos finais do Ensino Fundamental em relação à experiência com a arte contemporânea.

Destaco, apoiada na minha experiência como professora de rede pública de ensino e como pesquisadora da área da educação, a influência da Abordagem Triangular na construção de políticas públicas nacionais em relação ao currículo da área de Arte nas escolas brasileiras. No final da década de 90, todas as escolas receberam os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN, 1997, 1998) como referências para revisão dos currículos da Educação Básica. Os PCNs de Arte (anos iniciais e anos finais do Ensino Fundamental) foram um grande ganho para o ensino da Arte na escola, pois o material consistia numa caixinha com os livros de todas as áreas de conhecimento e havia um volume específico para a disciplina de Arte, com o mesmo tamanho e importância das demais disciplinas curriculares, como Português e Matemática, por exemplo. Podemos afirmar que até então, o ensino da Arte não tinha uma relevância conceitual e metodológica como área de conhecimento no currículo das redes de ensino no Brasil. Sabemos que a organização dos PCNs foi feita por uma equipe de especialistas de cada área com a orientação do Ministério da Educação de não nomear autores ou citar referências teóricas na apresentação de cada área de conhecimento. Mesmo não estando explicitado diretamente no texto, o PCN de Arte apresenta uma triangulação conceitual que se alimenta da Abordagem Triangular ao adaptar o fazer para

produção, a leitura de imagem para apreciação e a contextualização, mantendo a sua essência na estruturação conceitual da disciplina de Arte.

Atualmente se observa uma perda de espaço político e conceitual da Arte na educação brasileira. A Base Nacional Comum Curricular, lançada em 2017, contempla a área de Arte de uma forma muito reduzida e limitada na sua concepção conceitual. O documento possui mais de 600 páginas e dedica apenas 20 páginas para a área da Arte nos anos iniciais e finais do Ensino Fundamental, se comparado, por exemplo, às 126 páginas referentes à Língua Portuguesa, assim como nomeia de unidades temáticas as quatro linguagens da Arte (Artes Visuais, Dança, Música e Teatro), induzindo o trabalho para a polivalência.

Ao refletirmos sobre os 30 anos da Abordagem Triangular, percebemos a necessidade de resgatar essa concepção sistematizada por Ana Mae Barbosa na década de 80, assim como retomar a sua luta que mobilizou os professores de Arte na década de 90, pela conquista e garantia do espaço do ensino da Arte na escola e que hoje acompanhamos vem se perdendo de forma muito significativa.

Além da nossa vinculação afetiva como grupo de pesquisa com Ana Mae Barbosa e do reconhecimento do seu legado conceitual que contribui significativamente na minha formação, assim como qualificou o ensino da Arte nas escolas brasileiras, quero salientar a importância da sua atuação política em defesa do ensino da Arte. Tenho até hoje guardada a minha primeira foto que tirei com Ana Mae Barbosa no encontro da Rede Arte na Escola que aconteceu no ano de 1995 em Florianópolis, em paralelo ao VIII Congresso da FAEB. Em 2019, estive no ConFAEB em Manaus e Ana Mae estava lá conosco, atravessando de barco o Rio Negro, participando da roda de conversa na tribo indígena, assim como nas demais atividades do evento. Ela é essa força inspiradora, o impulso teórico, a palavra de estímulo que sempre buscamos como professores para continuar a sua e a nossa luta pela qualificação do ensino de Arte nos nossos espaços de atuação profissional.

Rememorar experiências para entrelaçar sentidos dialógicos

Atuando há mais de trinta anos como professora e formadora na área de Artes, eu, Rita Inês Petrykowski Peixe, empreendi minha atividade laboral durante muito tempo no interior de Santa Catarina, em escolas de Ensino Básico e, também, em cursos de graduação e pós-graduação. Ingressei no GEARTE no ano de 2008, ocasião em que iniciei meus estudos de Doutorado na UFRGS em Porto Alegre (RS), sob a orientação da Profa. Dra. Analice Dutra Pillar. No ano de 2011, durante o meu doutoramento, realizei um estágio no exterior (doutorado sanduíche) junto à Universidade de Barcelona, como bolsista da CAPES. Também desenvolvi minhas atividades de pesquisadora e professora titular no Programa de Pós-Graduação — Mestrado Profissional em Design (PPGDesign) pela Universidade da Região de Joinville (UNIVILLE), nos Departamentos de Design/Arquitetura e Urbanismo e na coordenação de Projetos de Pesquisa e Extensão Universitária naquela e, também, em outras Universidades de Santa Catarina. No momento, trabalho como docente da área de Arte junto ao Campus Itajaí do Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC) na Educação Básica Técnica e Tecnológica e, recentemente, concluí meu Pós-Doutoramento na Universidade de Barcelona (2020) orientado pelo Prof. Dr. Fernando Hernández.

Nessa trajetória profissional, venho realizando significativas experiências teóricas e práticas voltadas ao ensino, à pesquisa e à extensão, tangenciadas pela Abordagem Triangular. Primeiramente, isso se deu em aproximações tímidas, no início dos anos de 1990, por meio de leituras e discussões no âmbito acadêmico, quando então as minhas professoras da Universidade de Passo Fundo (RS), atuantes no curso de graduação em Educação Artística pela Universidade do Oeste de Santa Catarina — UNOESC, nos propunham estudos reflexivos a esse respeito. Muitos docentes que trabalhavam no curso já reuniam experiências e conhecimentos pautados nas formações propostas e baseadas na emergente Metodologia Triangular, pelo Instituto Arte na Escola, pelos encontros e eventos sistemáticos da área, promovidos aqui e ali com a presença ativa e entusiasmada

de Ana Mae, importante arte-educadora que irrompia no cenário brasileiro e que iria mudar definitivamente o panorama do ensino de Arte no país.

A partir dos conhecimentos adquiridos nas minhas graduações em Pedagogia e principalmente, na licenciatura em Educação Artística, minhas práticas como professora de Arte na Educação Básica passaram a ter outro enfoque, conectadas pela interrelação entre o fazer, a leitura da obra de Arte (apreciação interpretativa) e a contextualização histórica, social, antropológica e/ou estética da obra (BARBOSA, 2002, p. 17). Esses aportes têm ancorado e fundamentado minha ação docente desde então, em todos os âmbitos em que venho atuando.

Das inúmeras e simpáticas memórias com Ana Mae, posso elencar diversas, que vão desde os passeios por Barcelona e pelo Leste Europeu para participar de um encontro do INSEA, *International Society of Education Through Art*, presidido por ela de 1990 a 1993, das conversas sobre Arte, até a sua participação como arguidora na minha banca de defesa do doutorado. Incluo, ainda, a sua grande disposição para participar dos eventos com acadêmicos e professores de arte no Oeste de Santa Catarina, para onde a chamávamos e nos quais reuníamos centenas de participantes, entre acadêmicos, professores e comunidade, oriundos das mais diversas regiões do estado, que a ouviam com total interesse e se sentiam motivados a analisar, refletir e interagir, construindo novos conhecimentos em e sobre o ensino de Arte nas suas comunidades.

Sobretudo, em meio às tantas reminiscências, há os seus livros — dos quais muitos títulos estão em minha biblioteca e, desses, destaco três: um exemplar de 1995 de *Teoria e prática da Educação Artística*, cuja primeira edição é de 1985, dedicado à sua orientadora e amiga Noêmia Varela. Esse livro foi lido e relido, rabiscado da primeira à última página, suscitando o necessário diálogo, por meio da leitura comprometida, entre eu, então professora iniciante na área de Arte, e aquela cujos escritos e feitos seriam (e continuam sendo) a inspiração para a

proposição de inúmeros dos meus projetos e ações posteriores. No livro, um dos primeiros da sua intensa trajetória autoral, considerações contundentes e provocativas, que ela aporta a partir do aprofundamento teórico e do contato com autores renomados da área de Arte no contexto internacional. Ao longo das suas considerações, Ana Mae desafia e mobiliza os seus leitores e interlocutores a refletir para além daquelas convenções e práticas artísticas vigentes nacionalmente. Ao afirmar que “a reflexão teórica deve presidir toda prática na qual se pretenda envolver o aluno” (BARBOSA, 1995, p. 69) a autora promove um avanço significativo, pela quebra dos paradigmas correntes nos contextos do ensino artístico daquela época.

O segundo livro que trago para essas reflexões denomina-se *Inquietações e mudanças no ensino da Arte*, de 2002. Acompanhada de autores como Analice Dutra Pillar, Fernando Azevedo, Maria Cristina Rizzi, Ivone Richter, Lúcia Pimentel, Ana Amália Barbosa, Mirian Celeste Martins, Lucimar Bello, entre outros, alguns dos quais seus orientandos, Ana Mae Barbosa traz a público as inquietações relacionadas à Arte e seu ensino no país. Resultado de “uma série de cinco programas sobre Arte na Escola apresentados pela TV Escola, intitulada *Um salto para o Futuro*, que foram ao ar em abril de 2000” (BARBOSA, 2002, p. 7) o livro, além de reunir aspectos teóricos (autores de referência, nomenclaturas, leis, conhecimentos, reflexões, argumentos, aspirações etc.) visava fundamentar as ações que vinham sendo empreendidas no ensino da Arte, atreladas aos estudos e experiências realizadas por seus autores.

Ao afirmar que “só um saber consciente e informado torna possível a aprendizagem em arte”; ou “não podemos entender a cultura de um país sem conhecer sua Arte” (BARBOSA, 2002, p. 17), Ana Mae confronta, não somente as legislações vigentes, reivindicando a ampliação dos espaços institucionais para formação, ensino e compreensão da Arte, como também conclama os poderes públicos a “propiciar meios para que os professores desenvolvam a capacidade de compreender, conceber e fruir Arte” (BARBOSA, 2002, p. 14), sendo a base da

Abordagem Triangular. Dos livros que possuo, esse me é muito caro, porque, ao autografá-lo, Ana Mae complementa sua assinatura com a frase “é maravilhoso autografar um livro anotado”.

O terceiro livro que uso como referência foi organizado no ano de 2010 por Ana Mae Barbosa e Fernanda Pereira da Cunha, em forma de coletânea com 27 textos, um dos quais escrito por mim a partir de uma experiência de elaboração curricular para a área de Artes com professores de um município da região Oeste de Santa Catarina. Com isso, ao reunir as experiências de professores e pesquisadores no livro *Abordagem Triangular no ensino das Artes e Culturas Visuais* (2010) Ana Mae o faz, não sem erguer a voz para explicitar algumas indignações e os muitos ruídos diante dos equívocos a que foi submetida sua proposta, dado o seu permanente compromisso em defesa do ensino da Arte. Em um excerto da sua contundente apresentação, a autora esclarece que,

A Abordagem Triangular é tão flexível que eu própria a modifiquei, renomeei e ampliei quando ela mudou de contexto do museu (MAC-USP) para o contexto da sala de aula. A Abordagem Triangular é aberta a reinterpretções é reorganizações, talvez por isso tenha gerado tantos equívocos, mas também gerou interpretações que a enriqueceram, ampliaram e explicitaram [...] (BARBOSA; CUNHA, 2010, p. 11).

Fica latente a ideia de que a Abordagem Triangular carrega consigo uma grande flexibilidade, sendo permanentemente revisitada e reinventada, ganhando contornos atuais ao promover interações com as inúmeras áreas do conhecimento, em contextos mais amplos do ensino, da pesquisa e da extensão e nos mais diversos âmbitos. Ela é, sem dúvida, a que promove os entrelaçamentos ávidos de sentido, das múltiplas experiências que nos rodeiam, fruto dos nossos diálogos coletivos, tecidos ponto a ponto e urdidos em cada um dos quefazeres e que saberes arte-educativos cotidianos.

Para concluir, um arremate dialógico do GEARTE em [re]conexão com a Abordagem Triangular

Os conteúdos descritos anteriormente, de maneira tão afetiva e potente, apresentam um panorama das importantes contribuições e contextos — de tempo e espaço — de abrangência da Abordagem Triangular e das relações com a sua idealizadora, a professora Ana Mae Barbosa. Tais depoimentos ratificam a sua pertinência e permitem que compreendamos a dimensão e amplitude que esses enfoques contemplam, nos mais diversos recantos deste país. As conexões e experiências que vêm sendo compartilhadas desde a implantação do que inicialmente foi denominado Metodologia, têm contribuído significativamente para dar suporte a inúmeras ações educativas, sob o escopo da atualmente nomeada Abordagem Triangular. Essa é a razão pela qual nos propusemos a somar esforços a fim de veicular os conteúdos ora descritos, resultantes da diversidade consonante às nossas vivências e seus pontos de contato, como forma de publicizar ideias e experiências pessoais e profissionais nelas ancoradas.

A opção de uma escrita fluida e espontânea, que alude a uma Roda de Conversas, permeou a construção desta narrativa, resultante dos diálogos entre investigadoras vinculadas teórica e afetivamente ao GEARTE, grupo de pesquisas que traz, em sua origem, a potencialidade da Abordagem Triangular proposta por Ana Mae Barbosa.

Além dessa ideia dialógica que perpassa a nossa escrita coletiva, ao longo desse texto, aqui e acolá, podem ser encontradas algumas expressões que são próprias dos fazeres artesanais, relacionadas às manualidades. Entrelaçar, fios, tecer, entre outros, remetem ao sentido de trama, tessitura. Assim, como um tecido que foi urdido a oito mãos, a construção da nossa proposta, entrecortada por sentimentos, memórias, percepções pessoais e contextos coletivos, resultou em um texto que enseja, não apenas prestar uma homenagem àquela que foi referência e fundamentou nossos estudos e ações investigativas, mas a essa

mulher que, ao vencer preconceitos e hostilidades em uma época crítica do país, não se sentiu intimidada e não se calou. Ao contrário, se revestiu de uma força ímpar, um espírito de luta e muita coragem para encontrar na arte o seu caminho e na Abordagem Triangular o alicerce para potencializar práticas artísticas fundamentadas, em busca de uma educação de qualidade.

Dotada de imensa sensibilidade afetiva e intelectual, Ana Mae tatuou em nós com a força da sua palavra, do seu comprometimento e do seu exemplo, o desejo de transformar e de fazer da arte-educação um projeto de vida. Ouvir Ana Mae presencialmente, é um acontecimento. Ela monopoliza, afeta e com certeza se instala como uma posseira dentro do nosso coração (com a licença de Chico Buarque). E com isso transforma o seu entorno e nos transforma.

Notas

- ¹ A Roda de Conversa: Conexões e experiências do GEARTE no âmbito da Abordagem Triangular pode ser acessada pelo Link: <https://www.youtube.com/watch?v=Q28jbckuuFY>
- ² O Projeto Arte na Escola surgiu no RS em 1989 por iniciativa da Fundação Iochpe em parceria com a UFRGS e a Prefeitura de Porto Alegre e teve como ponto inicial a pesquisa “A imagem Móvel (Vídeo) na aprendizagem das Artes Plásticas em escolas de 1º e 2º graus” que foi coordenada pelas professoras Analice Dutra Pillar e Denyse Vieira, sob orientação da Dra Ana Mae Barbosa, com o objetivo de testar o uso da imagem móvel (vídeo) como auxiliar na aprendizagem das artes plásticas a partir dos pressupostos conceituais da metodologia triangular. Os resultados da pesquisa estão relatados no livro “O Vídeo e a Metodologia Triangular no Ensino da Arte” (PILLAR e VIEIRA, 1992). Após a pesquisa, o projeto Arte na Escola passa a se articular na região Sul, formando pólos regionais e, posteriormente, Pólos nacionais, configurando-se atualmente na Rede Arte na Escola.

Referências

- BARBOSA, Ana Mae, CUNHA, Fernanda (Orgs.). *Abordagem Triangular no Ensino das Artes e Culturas Visuais*. São Paulo: Cortez, 2010.
- BARBOSA, Ana Mae. *Inquietações e mudanças no ensino da Arte*. São Paulo: Cortez, 2002.
- BARBOSA, Ana Mae. *Tópicos e Utópicos*. Belo Horizonte: Companhia da Arte, 1998.
- BARBOSA, Ana Mae. *Teoria e prática da Educação Artística*. São Paulo: Cultrix, 1995.
- BARBOSA, Ana Mae. *A imagem no ensino da arte: anos 80 e novos tempos*. São Paulo: Perspectiva, 1991.
- BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular (BNCC)*. Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017.

BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs)*. Arte. Ensino Fundamental - 3º e 4º ciclos. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: arte / Secretaria de Educação Fundamental*. Brasília: MEC/SEF, 1997.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 18 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

HERNÁNDEZ, Fernando. *Cultura Visual, Mudança Educativa e Projeto de Trabalho*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

KEHRWALD, M. Isabel Petry. Ler e escrever em Artes Visuais. In: NEVES, Iara Conceição Bitencourt; SOUZA, Jusamara Vieira; SCHÄFFER, Neiva Otero. (Orgs.). *Ler e escrever*. Compromisso de todas as áreas. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1999. P. 23-36.

PILLAR, Analice Dutra. Leitura e releitura. In: PILLAR, Analice Dutra (Org.). *A educação do olhar no ensino das artes*. Porto Alegre: Mediação, 2001.

PILLAR, Analice, VIEIRA, Denyse. *O vídeo e a Metodologia Triangular no ensino da arte*. Porto Alegre: UFRGS/Fundação lochpe: 1992.

Gilvânia Maurício Dias de Pontes

Professora Titular da UFRN lotada no Núcleo de Educação da Infância (NEI/Cap/UFRN). Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), na linha de Pesquisa: Arte, Linguagem e Currículo. Defendeu tese sobre as experiências estéticas na formação de professores da infância. Mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), com pesquisa sobre as dimensões da arte na Educação Infantil. Especialista em Administração Educacional pela UFRN. Realizou estágio pós-doutoral no Departamento de Ensino e Currículo da Faculdade de Educação da UFRGS, desenvolvendo estudos sobre a mediação docente e a abordagem das artes visuais na Educação Infantil. Tem experiência com formação de professores no campo da Arte/Educação, Educação Física e infância. Participa do Grupo de Pesquisa em Educação e Arte - GEARTE (UFRGS); coordena o Grupo de Pesquisa de Arte e Infância (UFRN).

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9584-5409>

E-mail: gilvaniapontes@hotmail.com

Currículo: <http://lattes.cnpq.br/2536072255193237>

Maria Isabel Petry Kehrwald

Licenciada e Especialista em Artes Plásticas, Especialista em Métodos e Técnicas de Ensino e Mestre e Doutora em Educação pelo PPGEDU/UFRGS. Professora aposentada da Fundação Municipal de Artes de Montenegro - FUNDARTE/RS onde atuou como docente e Diretora Executiva. Coordenou o convênio com a Universidade Estadual do RGS - UERGS para a execução dos cursos de Graduação em Artes Visuais, em Dança, em Música e em Teatro. Coordenou o Polo FUNDARTE da Rede Arte na Escola - Instituto Arte na Escola/SP. Participou por 10 anos do Núcleo de Integração Universidade&Escola da UFRGS. Tem experiência na área de Educação, formação docente, currículo, artes, com ênfase em Artes Visuais, atuando principalmente nos seguintes temas: educação, ensino de arte, cultura, processo criativo, leitura de imagem e metodologias de ensino. É membro do GEARTE — Grupo de Pesquisa em Educação e Arte da UFRGS.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5510-290X>

E-mail: isabel.petry.2014@gmail.com

Currículo: <http://lattes.cnpq.br/4589650096857875>

Rejane Reckziegel Ledur

Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS - 2013), Mestre em Educação pela UFRGS (2005) e Licenciada em Educação Artística com Habilitação em Artes Plásticas UFRGS (1992). Professora aposentada da Rede Municipal de Ensino de Canoas (RS). Atuou como professora no Curso de Licenciatura em Artes Visuais da ULBRA/Canoas (2012 a 2018). Integra o Grupo de Pesquisa em Educação e Arte (GEARTE/UFRGS). Possui experiência nas áreas de Educação, Artes e Cultura, principalmente no ensino de Artes Visuais e na formação continuada de professores, desenvolvendo pesquisas nos seguintes temas: ensino de arte, produção de sentido, formação de professores e arte contemporânea.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9581-399X>

E-mail: rejaneledur@gmail.com

Currículo: <http://lattes.cnpq.br/9918984740294482>

Rita Inês Petrykowski Peixe

Pós-doutora pela Universidade de Barcelona, ES (UB, 2020). Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS, 2012); Mestre em Educação pela Universidade de Campinas/Universidade do Contestado (UNICAMP/UnC, 2003). Especialista em Arte/Educação pela Universidade de Passo Fundo (UPF, 1999). Possui graduação em Educação Artística - Habilitação em Artes Plásticas pela Universidade do Oeste de Santa Catarina (UNOESC, 1995) e graduação em Pedagogia - Habilitação em Orientação Educacional pela Universidade do Oeste de Santa Catarina (UNOESC/UnC, 1995). Em 2011 desenvolveu Estágio de Doutorado no Exterior (doutorado sanduíche) como bolsista da CAPES. Atuou como professora titular no Programa de Pós-Graduação - Mestrado Profissional em Design (PPG Design) pela Universidade da Região de Joinville (UNIVILLE), nos Departamentos de Design/Arquitetura e Urbanismo e na coordenação de Projetos de Pesquisa e Extensão Universitária da UNIVILLE, bem como na Universidade do Alto Vale do Rio do Peixe (UNIARP) e na Universidade do Oeste de Santa Catarina (UNOESC). Atua como professora de Arte no Instituto Federal de Santa Catarina, (IFSC) de Itajaí e coordena o Grupo de Pesquisas DZART: Estudos de imagem, design, artesanaria e práticas educativas. Tem experiência em ensino, pesquisa e extensão, com ênfase nos seguintes temas: educação, métodos e técnicas de ensino, permanência e êxito, cultura, arte/educação, arte, ensino da arte, estética e semiótica, teoria e história da arte, design e design social, tecnologias sociais, economia solidária e artesanaria.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1557-152X>

E-mail: rita.peixe@ifsc.edu.br

Currículo: <http://lattes.cnpq.br/1094071355516986>

Recebido em 13 de junho de 2022

Aceito em 25 de julho de 2022

